

## O PRÉ-TRIBULACIONISMO NO TEXTO BÍBLICO

Pr. Osiel Gomes<sup>1</sup>

### RESUMO

Este artigo tem por objetivo discutir a origem e a hermenêutica da doutrina pré-tribulacionista. Sua relevância reside no fato de que a origem do pré-tribulacionismo é um tema primordial para o contexto da Igreja. Além disto, nota-se que, do ponto de vista acadêmico, há pouca pesquisa e produção bibliográfica sobre o tema, especialmente no Brasil. São apresentadas a descrição da Tribulação nas páginas bíblicas, a visão pré-tribulacionista no aspecto bíblico, a abordagem histórica do pré-tribulacionismo, sendo ainda apresentados argumentos bíblicos que asseguram que a Igreja será arrebatada antes da grande tribulação e refutações às principais objeções contra esta doutrina. Assim, concluiu-se que a doutrina pré-tribulacionista é firmemente fundamentada nos textos bíblicos.

**Palavras-chave:** pré-tribulacionismo; hermenêutica; Tribulação; arrebatamento, doutrina.

### ABSTRACT

This article aims to discuss the origin and hermeneutics of pretribulationism. Its relevance lies in the fact that the origin of pretribulationism is a key issue in the context of the Church. Also, it is noted that, from an academic point of view, there is little research and bibliographical production on the subject, especially in Brazil. The description of the Tribulation in the biblical pages, the pretribulationist view from the biblical aspect, the historical approach to pretribulationism are presented, as well as biblical arguments that ensure that the Church will be raptured before the great tribulation and rebuttals to the main objections against this doctrine. The conclusion is that the pretribulationist doctrine is firmly grounded in biblical texts.

**Keywords:** pretribulationism; hermeneutics; Tribulation; rapture; doctrine.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Filosofia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. Doutorando em Teologia pela Faculdade Escola Superior de Teologia – EST. Mestrado Profissional pela Faculdade Escola Superior de Teologia – EST. Licenciado em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará – UECE. Docência do Ensino Superior pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Bacharel em Direito pela Universidade Estácio. Bacharel em Pedagogia pela Faculdade Albert Einstein – FALBE. Bacharel em Teologia pela Faculdade Teológica Sulamericana - FTSA. Pós-graduado em Psicanálise pelo Instituto Superior de Educação e Teologia – INSET. Pastor Presidente da Assembleia de Deus Tirirical em São Luís - MA. Terceiro Presidente da Convenção Estadual das Assembleias de Deus no Maranhão. Membro da Convenção Geral dos Ministros das Igrejas Evangélicas Assembleia de Deus do Brasil. Presidente do Instituto Doksa. Professor de Hebraico e Grego. Compositor, escritor na área teológica, comportamento, sexualidade e cidadania.

## 1 Introdução

Os assuntos bíblicos que envolvem as questões escatológicas jamais devem ser vistos como herméticos, tampouco podem nos servir para exhibir intelectualidade ou mera especulação teológica; antes, foram inseridos nas indelévels páginas das Sagradas Escrituras para fecundar, no coração de cada cristão, gozo diante de uma esperança gloriosa que nos aguarda: os céus de glória (Fp 3.20), razão pela qual o apóstolo Paulo falou: “Consolai uns aos outros com estas palavras” (1 Ts 4.18).

Por mais que o cristão anelante do céu vindouro não saiba discernir claramente as seis concepções no tocante aos assuntos escatológicos, a saber: pré-milenismo, pós-milenismo, amilenismo, pré-tribulacionismo, pós-tribulacionismo, e midi-tribulacionismo, seu coração é assente naquilo que a Palavra diz: “Cristo voltará para buscar os seus” (Jo 14.1-2; At 1.11). Assim, mesmo sem uma concatenação dos fatos envolvendo o futuro, o crente segue seu caminho como Daniel, buscando ser fiel até o fim (Dn 12).

O assunto ora em apreço não pode ser tratado simplesmente pelo viés de especulações e logicismo humano. Para adentrar no tema é preciso fé, reverência e temor a Deus, para que jamais se busque forçar o texto a dizer o que ele não está dizendo.

No tocante ao período da grande tribulação, inúmeras concepções têm surgido ao longo do tempo, as quais têm gerado debates infundáveis e que causam confusões. Conforme A. W. Tozer,

[...] a palavra de Deus não foi dada para satisfazer nossa curiosidade intelectual, mas para nos transformar e nos conformar à imagem de Cristo. Precisamos estudar com reverência e uma submissão profunda, em vez de impor nossas próprias ideias sobre o texto”.<sup>2</sup>

De forma simples, a Grande Tribulação é descrita na Bíblia como um período de sete anos que está reservado para o fim dos tempos, e a Igreja não participará dela (Ap 3.10). Porém, toda dissonância surge quanto ao tempo: se o arrebatamento da Igreja dar-se-á antes, durante ou depois da Grande Tribulação.

O presente artigo tem como objetivo apresentar a visão pré-tribulacionista. Essa abordagem será fundamentada nos pressupostos bíblicos e hermenêuticos, apresentando o pensamento de teólogos como Grudem (1994); McBride (2010); Ryrie (1995); Walvoord (1976) sobre o tema em questão.

---

<sup>2</sup> TOZER, A. W. *The Knowledge of the Holy*. New York: HarperOne, 2009. p. 10.

## 2 A descrição da Tribulação nas páginas bíblicas

A Grande Tribulação é um tema totalmente bíblico. Porém, é preciso fazer distinção entre as tribulações e aflições nas quais o povo de Deus estaria envolvido (Jo 16.33; Rm 5.3; 2 Co 8.2) e aquela que é denominada de **a Grande Tribulação**, da qual a Igreja não fará parte.

A Grande Tribulação é referida como a **septuagésima semana de Daniel**. Primeiramente a abordagem se firma no contexto envolvendo o cativeiro babilônico dos israelitas por um espaço de setenta anos (Dn 9.2); essas semanas para esse povo foram denominadas como proféticas. Harmonizando essa temática com o Antigo e Novo Testamento, pode-se notar que Jesus realçou esse assunto quando fazia seu sermão no Monte das Oliveiras, mas de natureza totalmente diferente, falando de uma tribulação que virá, a qual jamais foi vista (Mt 24.21), sendo as minúcias sobre ela evidentes no Apocalipse.

Estudiosos da Bíblia têm apresentado diversas passagens veterotestamentárias que asseguram o advento da Grande Tribulação: em Dt 4.23-31 percebem-se alguns acontecimentos que envolvem a tribulação do povo de Deus, Israel. Usando o texto de Dn 9.24-27, estudiosos conservadores referem-se às primeiras 69 semanas, fazem registros aos 483 anos, que se dá entre a ordem de Ciro para restaurar e edificar Jerusalém e o tempo em que o Messias seria tirado, isto é, crucificado.

Depois da crucificação fica apenas um tempo de sete anos, durante o qual um grande poder fará um pacto com Israel e restaurará o templo e seus sacrifícios; porém, no meio dessa semana irá contaminar o templo e fará cessar todos os sacrifícios. Portanto, a visão preterista, que assegura firmemente que tais fatos já aconteceram, não pode ser seguida, pois gerará muitas incongruências com outros textos das Sagradas Escrituras.

Na passagem de Daniel há elementos proféticos envolvendo Israel que estão além de seu tempo, visto que este trecho fala de um tempo que virá depois da vinda de Cristo. Um concerto será firmado com um príncipe que há de vir, o templo novamente será reconstruído e nele se farão sacrifícios, depois haverá a quebra do tratado com Israel, conforme o texto de Daniel 9.24-27.

Um exemplo bem clássico apontando para elementos futuros, conforme consta em Daniel 11.31-39, é a figura de Antíoco Epifânio (Antíoco IV), que se tornou conhecido por sua crueldade. Muitos fatos relacionados a ele se cumpriram no século II, porém existem elementos que se cumprirão em tempos pósteros, conforme Daniel 11.36. Por fim, o Antigo Testamento, falando da natureza da Grande Tribulação, descrita como o tempo de angústia de Jacó, serve-se do texto de Jeremias 30.3-14, que esclarece que haverá um tempo de grande aflição.

No Novo Testamento, o assunto da grande tribulação é introduzido por Jesus Cristo no Sermão do Monte (Mt 24). Estudando-o com precisão, notar-se-á claramente que há referência a uma tribulação que vai muito além daquela que se vive hoje, isto é, que será profética, escatológica.

No Livro do Apocalipse têm-se os pormenores da Grande Tribulação; para os pré-tribulacionistas, o conteúdo desse tempo lastimoso está declarado no capítulo 6-18. Ainda que surjam os que interpretem tais acontecimentos de modo simultâneo, no que tange aos selos, às trombetas e às taças, outros afirmam que tais acontecimentos sucederão em ordens diferentes, ou seja, selos, taças, trombetas ocorrerão na sequência um do outro.

### **3 A visão pré-tribulacionista no aspecto bíblico**

A linha interpretativa do pré-tribulacionismo segue literalmente as Sagradas Escrituras, visto que suas inferências são abonadas e encadeadas pelo texto bíblico. O pré-tribulacionismo é afiançável em afirmar com plena certeza e autoridade que a Igreja não passará pela Grande Tribulação, mas que nesse tempo de ira estará nos céus com o Senhor.

O seguimento interpretativo do pré-tribulacionismo não é apenas lógico, bem-organizado, mas sancionado pelo texto sagrado. Há um propósito especial para que tudo isso aconteça previamente, ou seja, antes da grande tribulação, primeiramente a Igreja estará no “céu” para o tribunal de Cristo (2 Co 5.10), depois ela retornará à terra para reinar com Ele. Há diversas passagens bíblicas que ratificam solidamente que o arrebatamento da Igreja de Cristo se dará antes da tribulação, as quais serão apresentadas a seguir.

Os 3 primeiros capítulos do livro de Apocalipse fazem alusão grandiosa ao termo ‘Igreja’, que aparece dezenove vezes nestes capítulos iniciais. Na leitura dos capítulos 6 a 18, que alude à Grande Tribulação, o termo Igreja não aparece mais. Somente a partir do capítulo 19 e 22.16 é que voltará a aparecer, já fazendo menção ao novo céu e à nova terra.

Se analisarmos acuradamente o Apocalipse, o prefaciário da grande tribulação se dá com a visão que João tem, estando no céu, conforme descrito nos capítulos 4 e 5, quando a Igreja não estará mais na terra. Contudo, ao prosseguirmos na leitura dos capítulos restantes desse livro, não se encontrará qualquer referência, durante a Grande Tribulação, à Igreja.

O pré-tribulacionismo esclarece que durante o tempo da Grande Tribulação a Igreja terá o seu lugar certo: o céu. Neste momento se ataviará para as bodas, tendo a purificação de suas obras perante o tribunal de Cristo (1 Co 3.11-15), e então virá como noiva pura para encontrar-se com o seu Esposo (2 Co 11.2; Ap 17.9; 21.9).

Na sequência, Apocalipse 13.6 também confirma isso. Pela expressão, **santos e apóstolos** crê-se que se direciona à Igreja, a qual já está arrebatada no céu (Ap 18.20). João fala de um exército que existe no céu, eles seguem a Cristo tendo vestidos de linho finos branco. Assim, como estão vindos com Cristo, pode-se acreditar que se trata de Sua vinda novamente à terra, agora com os crentes que foram arrebatados antes da grande tribulação (Ap 19.4; 1 Ts 4.17-17).

Para muitos pré-tribulacionistas, os 24 anciãos mencionados por João em Apocalipse 4.4 não são seres angélicos, porém, pela descrição que se faz deles (“estando assentados sobre tronos, tendo vestes brancas, recebendo coroas”) trata-se da Igreja, posto que somente sobre os crentes vitoriosos se falou que teriam essas vestes (Ap 3.3,18). Jesus prometeu aos crentes que se assentarão no trono (Ap 3.21), e coroas (Ap 2.10; 3.11).

O pré-tribulacionismo não é panlogista em suas conclusões como o pós-tribulacionismo, que tenta assegurar que há referências bíblicas evidenciando que durante a Grande Tribulação a Igreja ainda estará aqui, tomando expressões como **santos e crentes** para referir-se à Igreja. É inevitável que saibamos que, ainda que de modo lacônico, as duas menções feitas aos crentes no Apocalipse referem-se aos 144.000 judeus convertidos e que serão ganhos para Jesus nesse tempo (Ap 7.4-9; 14.3).

Na interpretação pré-tribulacionista fica manifesto que a Igreja do Senhor Jesus jamais passará pela Grande Tribulação, pois foi o próprio Deus que prometeu conceder-lhe livramento (Ap 3.10). Quando João direciona suas palavras à Igreja de Filadélfia, não se supõe a qualquer instante que ela seria protegida durante, nem que seria guardada da hora, como supõem os midi-tribulacionistas, mas está patente que dessa hora, desse tempo, desse período, a Igreja jamais faria parte. Antes que essa hora chegue, o Senhor tirará o seu povo deste mundo pecaminoso.

É ilógico pensar que a Igreja de Deus, que viveu fiel neste mundo, santa, isentando-se de todo pecado, ainda tenha que passar pela Grande Tribulação. Tal interpretação deve-se ao fato de uma incompreensão de certas passagens bíblicas, a exemplo de 1 Tessalonicenses 5.9, em que Paulo diz que a Igreja não foi destinada para ira, mas que Jesus Cristo virá para livrar os seus da ira futura (1 Ts 1.10), o que acontecerá no dia do Arrebatamento (1 Ts 4.16,17). Como destaca Charles C. Ryrie, “a Igreja não passará pelo dia do Senhor, pois foi prometida a proteção de Deus durante o tempo de julgamento”<sup>3</sup>. Lendo Daniel 9.24; 12.1,7, entendemos que o dia da ira seja uma referência à septuagésima semana, ou seja, os sete anos. Essa ira é

---

<sup>3</sup> RYRIE, Charles C. *Basic Theology: A Popular Systematic Guide to Understanding Biblical Truth*. Chicago: Moody Press, 1995. p. 112.

destinada àqueles que não fizeram caso de Cristo e sua Palavra, jamais para os verdadeiros santos.

O esteio no qual o pré-tribulacionismo se firma é maravilhoso, pois se assim não fosse, a interpretação de 2 Tessalonicenses 2.3-7, que fala da repentina apostasia que virá quando for tirado também o que o detém, só tem cabimento e alicerce se alinhar-se com o pré-tribulacionismo. O Anticristo, no livro do Apocalipse, recebe apoio de Satanás. Somente quando a Igreja for tirada da terra é que definitivamente o Anticristo exercerá seu poder, porque quem opera por meio da Igreja é o Espírito Santo (Jo 14.16; 1 Co 3.17). Assim, quando a Igreja, a qual é sal e luz deste mundo, for arrebatada, tudo ficará escuro e pútrido nesta terra.

Para o pré-tribulacionismo, a retirada da Igreja deste mundo será antes da Grande Tribulação porque não é preciso que alguma coisa seja cumprida para que esse evento iminente aconteça. Nas palavras de Paulo, esse acontecimento é descrito como um “abrir e fechar de olhos” (1 Co 15.51-52). Ademais, as expressões “vir sem demora”, “estar próximo”, “Eu virei”, “cedo venho”, não são sobre algo contingente, mas sim certo, que gera no cristão um desejo intenso e veemente quanto ao retorno imediato de Cristo. Como ensina John F. Walvoord: “O arrebatamento é um evento que pode ocorrer a qualquer momento, sem sinais ou avisos, e deve ser esperado com expectativa por todos os crentes”.<sup>4</sup>

A Grande Tribulação, na visão pré-tribulacionista, não está destinada para a Igreja, mas para Israel, como antes foi salientado (Dn 9.24; Jr 30.9). A menção ao povo de Deus, Israel, é clara, de modo que não há razão para se pensar sobre esse tempo direcionado à Igreja. Temos classicamente no Antigo Testamento dois nomes que foram arrebatados aos céus, Enoque e Elias (Gn 5.24); analogamente, pode-se dizer que da mesma maneira a Igreja será arrebatada antes que venha a Grande Tribulação.

Há em especial uma razão para a tribulação envolvendo os judeus: ela servirá como um elemento purificador, visando reconduzir Israel, ou seja, para que se converta e creia verdadeiramente em Jesus como o Messias (Zc 12.6; Rm 11.25). A tribulação também será um tempo de angústia para os incrédulos, porém, jamais para a Igreja, pois a ira que seria aplicada em nós, por causa dos nossos pecados, foi posta em Cristo Jesus.

Se a Igreja estivesse esperando um momento de angústia, o tempo de Jacó, ela não teria a vinda iminente de Cristo como um gozo profundo; ela espera o retorno do Senhor com alegria, o que a incentiva a um viver de santidade (1 Jo 3.2,3; Tt 2.12,13). A esperança da Igreja na volta de Cristo é tão grande que cada um trabalha na certeza de que logo será recompensado,

---

<sup>4</sup> WALVOORD, John F. *The Rapture: Pre-tribulation or Post-tribulation?* Grand Rapids: Zondervan, 1976. p. 45.

ou seja, receberá o seu galardão (2 Co 5.10; 1 Co 3.11.-15). Firmado nisso é que Paulo incentiva a todos a serem firmes, constantes e abundantes na obra do Senhor, pois nEle o trabalho jamais será vão (1 Co 15.58).

O pré-tribulacionismo faz distinção entre a vinda de Jesus **para** os seus e **com** os seus, o que prova claramente que o arrebatamento se dará antes da Grande Tribulação. Está claro na Palavra que Jesus primeiramente vem buscar a Igreja (Jo 14.3; 1 Ts 4.16,17), e posteriormente virá com os seus santos (Mt 24.29-31; Jd 14). Jesus só virá com os seus porque os levou, e entre essa ida e vinda há um espaço temporal de sete anos.

Pela interpretação pré-tribulacionista, as nações ovelhas que estarão no milênio são mais uma certeza absoluta de que a Igreja será arrebatada antes da tribulação. Esse argumento se sustenta pelo fato de que haverá ovelhas, figurada aplicada aos crentes, que sobreviverão aos atos funestos da tribulação (Mt 25.31-34).

Os pós-tribulacionistas acreditam que a ressurreição ocorrerá no fim da Grande Tribulação. No entanto, surge um problema: durante a Grande Tribulação, a população será severamente afetada. De acordo com Mateus 24.22, se esses dias não fossem abreviados, ninguém sobreviveria. Isso sugere que a população será drasticamente reduzida. Segundo o teólogo Norman Geisler, os 144.000 salvos e a grande multidão que eles conquistarão (Apocalipse 7.4,9) consistirão em pessoas que permanecerão vivas na Terra em seus corpos naturais, ou seja, não ressuscitados. Para Geisler, essas pessoas são as ovelhas mencionadas em Mateus 25, que repovoarão a Terra durante o milênio<sup>5</sup>.

A linha de pensamento pós-tribulacionista põe certos acontecimentos escatológicos para o final da Grande Tribulação, o que gera certos conflitos textuais. Para os pós-tribulacionistas, a ira de Deus será retida até depois do Arrebatamento, que fará parte da Segunda Vinda. Com esse tipo de interpretação surgem alguns problemas, pois terão que ocorrer nesse tempo como expressando paz e segurança (1 Ts 5.3), o que gera conflito com o fim da tribulação, pois se fala do ajuntamento de nações em Jerusalém (Zc 12.3; 14.2; Ap 16.14). É preciso entender que a paz e a segurança não serão características nem condições daqueles dias que antecedem ao Dia do Senhor.

Na sequência, serão apresentados mais quatro argumentos bíblicos que asseguram que a Igreja será arrebatada antes da grande tribulação. O primeiro é que o arrebatamento é descrito como Cristo vindo nos ares, somente depois é que Ele virá à terra com os seus santos, o que prova que houve anteriormente o arrebatamento (1 Ts 4.16,17).

---

<sup>5</sup> GEISLER, Norman. *Teologia Sistemática - vol. 4: A Igreja e os Últimos Eventos*. São Paulo: Editora Vida, 2006. p. 379.

Na interpretação do pós-tribulacionismo, Cristo virá nos ares, mas logo muda de ideia, e então retorna à terra, o que não tem qualquer fundamento bíblico. Pelo que Paulo escreveu em 1 Tessalonicenses 4.16,17, o arrebatamento é marcado por alguns eventos: o retorno, ressurreição dos crentes mortos, arrebatamento dos vivos, reunião de todos os crentes, tranquilização.

O segundo argumento bíblico que o pré-tribulacionismo apresenta é que o arrebatamento é um mistério que deixa claro que a Igreja será tirada deste mundo antes da Grande Tribulação (1 Co 15.51-53). O arrebatamento da Igreja será instantâneo, sem aviso prévio.

O terceiro argumento bíblico usado pelo pré-tribulacionismo refere-se ao Dia do Senhor, que faz menção aos acontecimentos dos últimos tempos, falando da Grande Tribulação (1 Ts 5.2; 2 Ts 2.2). Por vinte vezes no Antigo Testamento aparece a expressão ‘Dia do Senhor’, sempre falando de acontecimentos futuros dos últimos tempos. Os termos ‘últimos dias’ aparecem quatro vezes, mas também expressando os últimos tempos, e a expressão ‘naquele dia’, que aparece mais de cem vezes, faz alusão também aos mesmos acontecimentos (Is 1.2,11, 12).

Não se encontra qualquer passagem falando de modo direto do arrebatamento da Igreja no Antigo Testamento, porque ainda não se estava tratando da Igreja, a qual era um mistério oculto (Ef 3.9). Paulo, porém, tratou disso deixando claro que a Igreja não passaria pela Grande Tribulação, ou seja, ‘aquele dia’ (2 Ts 2.3; 1 Ts 5.9).

O quarto argumento bíblico no qual se apoia o pré-tribulacionismo está em João 14.1-3, que trata da promessa do retorno de Cristo, o que mais uma vez assegura o arrebatamento antes da Grande Tribulação. Há três coisas importantes nesses versículos que trazem alegria e esperança ao coração do cristão: a expressão de Jesus usando o verbo futuro: *virei outra vez*. A segunda é quanto à sua vinda, que se dará de modo pessoal. A terceira é que sua promessa será cumprida: levará os cristãos para os céus.

A interpretação pré-tribulacionista tem seus argumentos bem firmados na Palavra e que se incorporam ou se harmonizam em uma cadência escriturística bem precisa, coerente, de modo que os eventos se darão na seguinte sequência: no arrebatamento Jesus se encontrará com os seus nos ares (1 Ts 4.17); os levará para o céu (Jo 14.3); somente os crentes o verão (1 Ts 4.17); nenhum sinal será dado no Arrebatamento (1 Ts 5.1-3); e depois se iniciará a tribulação. Na segunda vinda: o Senhor trará os santos à terra (Zc 14.4; At 1.11; Ap 19.4); Ele vem com os seus (Jd 14); todos o verão (Ap 1.7); muitos sinais precederão (Mt 24.3-30); o milênio terá o seu começo.



#### 4 Refutando as objeções contra o pré-tribulacionismo

Antes de tratarmos especificamente sobre as objeções que se fazem a certas passagens bíblicas usadas pelo pré-tribulacionismo, faremos uma pequena abordagem histórica sobre o tema. Alguns que se manifestam contra o pré-tribulacionismo dizem que ele não pode ser aceito porque já surge em tempos tardios, e apresentam inúmeras concepções para sua gênese. Uns falam que surgiu com John Nelson Darby, que diz que tomou conhecimento através de John Edward Irving; afirma-se que na verdade teve início com Margaret Macdonald ou Emmanuel Lacunza, e assim por diante.

Os que realmente querem negar o pré-tribulacionismo dizem que não se viu tal ensino na Igreja Primitiva nem nos assuntos dos pais da Igreja antes do Século XIX, por isso pode-se considerar este tema como não bíblico; buscam negar o pré-milenismo se firmando no aspecto cronológico, dizendo que é algo que surgiu recentemente. Contudo, algo não pode ser considerado verdadeiro ou falso em razão da questão do tempo.

Algumas doutrinas serão entendidas posteriormente. Sabe-se que a doutrina em relação à pessoa de Jesus Cristo surge nos primeiros séculos, ao passo que a doutrina escatológica, já nos tempos modernos. Mas uma coisa pode ser verdadeira sendo nova, assim como uma coisa pode ser falsa sendo antiga. Está provado que o pré-tribulacionismo não é novo; estudiosos afirmam que ele já existia no século IV. As descobertas de Efraim da Síria ratificaram que ele já era ensinado na igreja primitiva. Citam-se o Pastor de Hermas e Irineu como defensores do pré-tribulacionismo. Richard E. McBride destaca que:

Embora o pré-tribulacionismo tenha se tornado uma doutrina mais proeminente nos últimos dois séculos, suas raízes podem ser rastreadas até os escritos da Igreja primitiva. Efraim da Síria, no século IV, é um exemplo notável, onde ele fala do arrebatamento da Igreja antes da Tribulação, refletindo a esperança e a expectativa dos primeiros cristãos. Além disso, figuras como Irineu e os escritos do Pastor de Hermas também evidenciam uma compreensão de que a Igreja seria poupada da ira vindoura, indicando que essa doutrina tem uma tradição mais longa do que muitos supõem.<sup>6</sup>

Segundo a concepção de muitos estudiosos bíblicos, a razão dos pais da Igreja não falarem sobre esse assunto se devia ao fato de eles entenderem as perseguições sofridas no primeiro e segundo século como já sendo a tribulação predita nas Escrituras. Fora desses argumentos, entendemos que Jesus falou sobre sua vinda, que a Igreja primitiva entendia como sendo imediata; assim, o pré-tribulacionismo tem base bíblica.

Serão tratadas a seguir certas objeções que são apresentadas contra a interpretação pré-tribulacionistas que usam alguns textos bíblicos. Começaremos com os textos de Mateus.

---

<sup>6</sup> MCBRIDE, Richard E. *The Early Church and the Rapture: Historical Perspectives on Pretribulationism*. Grand Rapids: Baker Academic, 2010. p. 122.

Fazendo uso de Mateus 24.29,30, diz-se que Cristo voltará à terra somente depois da tribulação. Este texto é verdadeiro, mas não está falando do arrebatamento, e sim da segunda vinda de Cristo em sua segunda fase, quando Ele virá **com** os seus, não **para** os seus. O arrebatamento se dará nos ares, aqui sua vinda se dará para a terra. Note que esse texto menciona sinais que falam da vinda de Cristo, ao passo que no arrebatamento não haverá qualquer sinal antecedente.

A primeira objeção que apresentaremos é a que está baseada no Salmo 110.1, pois os pós-tribulacionistas afirmam que Jesus não voltará à terra até depois do fim da Grande Tribulação, pois apenas depois dela é que Ele será plenamente vitorioso contra os seus adversários; caso Ele venha buscar sua Igreja antes disso, jamais estará assentado até o termino da tribulação.

Note que há fragilidade argumentativa no posicionamento pós-tribulacionista, visto que a expressão “assentar” que aparece no texto é figurativa. As Escrituras Sagradas deixam bastante claro que Jesus já venceu tudo por meio de sua morte na cruz e agora desfruta de uma posição de honra à destra de Deus (Hb 8.1; 10.12; 1 Pe 3.22). É necessário entender o recurso de linguagem que aparece na Bíblia para não se criar interpretações erradas. Por exemplo, a Bíblia diz que Deus é Espírito (Jo 4.24); Ele não possui braços, pernas e mãos. Assim, a expressão “mão direita” não é literal, como também as expressões “assentar-se” e “escabelos de seus pés” não o são. Como afirma Wayne Grudem:

A linguagem figurativa na Escritura é frequentemente usada para descrever verdades espirituais profundas. Quando a Bíblia fala sobre Deus, devemos lembrar que Ele é Espírito e que muitas expressões usadas para descrever Sua natureza são antropomórficas, ou seja, projetadas em termos humanos para facilitar a nossa compreensão.<sup>7</sup>

Acerca de Mateus 24.37-40, os que se opõem à interpretação pré-tribulacionistas dizem que tudo isso se dará na Grande Tribulação, e que a referência que se faz aos “levados” no arrebatamento é que não serão tomados antes que aconteça a Grande Tribulação. É bom entender que ‘levados’ que aparece no texto não está afirmando que foram levados no arrebatamento, mas sim como aqueles levados no Dilúvio; nesse caso trata-se daqueles que serão levados a juízo na Grande Tribulação (Lc 17.37).

Os pós-tribulacionistas fazendo uso do texto de Mateus 24.27 afirmam que o arrebatamento terá lugar no fim da Grande Tribulação, por causa da palavra ‘vinda’, que no grego é *parousia*, e que também é usada para ‘arrebatamento’. É bom lembrar que a palavra *parousia* quer dizer ‘chegada’ ou ‘presença’, e, é claro, Jesus estará presente no arrebatamento; no demais, é importante entender que certas palavras têm diversos usos em seus contextos.

---

<sup>7</sup> GRUDEM, Wayne. *Systematic Theology: An Introduction to Biblical Doctrine*. Leicester: Inter-Varsity Press, 1994. p. 73.

Fazendo uso de 1 Tessalonicenses 5.1-9, os que são contrário ao posicionamento pré-tribulacionista dizem que nessa passagem Paulo estava orientando os cristãos quanto à tribulação, pela qual todos passariam. Não podemos concordar com tal posicionamento à luz do texto. A partícula grega adversativa *de*, que pode ser entendida como ‘mas’, ‘além dos mais’, na verdade está introduzindo um novo assunto. Não se pode negar que esses cristãos já possuíam conhecimento pleno sobre o Dia do Senhor, só não estavam bem-informados quanto ao Arrebatamento, assunto que Paulo ensina com precisão (1 Ts 4.13). Por meio dos pronomes pode-se facilmente entender que Paulo esclarece que os cristãos jamais iriam enfrentar a Grande Tribulação: o pronome ‘eles’ referia-se àqueles que iriam enfrentar o Dia do Senhor (1 Ts 5.3); quanto ao ‘nós’, este referia-se à Igreja, que seria arrebatada (1 Ts 4.17).

Para os pós-tribulacionistas, 2 Tessalonicenses 1.5-10 diz que os cristãos serão libertos da perseguição quando do retorno de Cristo no fim da Grande Tribulação para fazer julgamento dos incrédulos. Importante dizer que, lendo juntamente com o contexto do texto, há de se concluir que Paulo trata da libertação dos cristãos e também envolve os cristãos de Tessalônica (2 Ts 1.5). Fica claro que os cristãos salvos no dia do Arrebatamento serão libertos, outros serão livres pela morte. É bom lembrar que essa passagem não fala de arrebatamento, mas sim de juízo, castigo, perdição eterna. Na realidade, o conteúdo da dita passagem aborda a temática vingança, que esclarece que os cristãos podem estar cientes que todos aqueles que se levantaram contra os crentes serão julgados pelo Senhor.

Pode-se analisar que o apóstolo Paulo falou, na primeira carta aos tessalonicenses, do arrebatamento e do ajuntamento dos crentes no céu. Na segunda carta, em 2 Tessalonicenses 2.1-3, ele faz menção de crentes na terra depois que o Anticristo exercer seu poder, o que cria certas dificuldades de se alinhar o que antes fora ensinado. Asseguramos que não há nada de contraditório e desconexo entre aquilo que Paulo disse na primeira e na segunda carta aos tessalonicenses. Na verdade a questão é tão somente de contextos diferenciados. Parece que para alguns de Tessalônica, Cristo já teria voltado, mediante supostas revelações (2 Ts 2.2), e Paulo desfaz tal pensamento esclarecendo que o Arrebatamento ainda não teria ocorrido, pois o homem do pecado ainda não havia se manifestado. Nesse caso, o Dia do Senhor, isto é, a Grande Tribulação, não havia chegado.

Paulo ainda prossegue dizendo que somente quem pode deter o poder do mal chefiado por Satanás, com a vinda do Anticristo, é o Espírito Santo, que atua na vida da Igreja. Quando ela for retirada deste mundo, os poderes diabólicos dominarão, iniciando assim a Grande Tribulação. Como observa John F. Walvoord:

O papel do Espírito Santo como restritor do mal é fundamental até que a Igreja seja arrebatada. Após a remoção da Igreja, o Espírito Santo não estará mais presente como o agente que impede a manifestação plena do Anticristo e a emergência de um governo satânico sobre a terra.<sup>8</sup>

Os pós-tribulacionistas tomam Apocalipse 7.4,9; 14.1,3 para refutar o pré-tribulacionismo, que afirma que o Espírito Santo será retirado da terra no dia do Arrebatamento (2 Ts 2.7). Nesse caso não seria possível que as pessoas fossem salvas, visto que ninguém pode ser salvo sem a ação regenerativa do Espírito Santo.

O pré-tribulacionismo concorda que ninguém pode ser salvo sem a ação direta do Espírito Santo (Jo 16.8), o que acontecerá é que o trabalho dEle referente aos crentes, individual ou coletivamente, findará ao cessar o período da graça com o Arrebatamento. Atentando para o Antigo Testamento, sabe-se que os servos de Deus da Antiga Aliança foram salvos e estão no reino de Deus (Mt 8.11), e como só pode entrar no reino quem nasceu de novo (Jo 3.3,7), crê-se que isso aconteceu com eles.

Quando se estuda pneumatologia, a doutrina do Espírito Santo, sabe-se que no Antigo Testamento o Espírito Santo não habitava nos servos de Deus, mas que de modo esporádico Ele os visitava (Sl 51.11; 1 Sm 16.14). O que se entende com isso é que é preciso fazer distinção entre a ação regenerativa do Espírito Santo e sua habitação no crente. No tempo da grande tribulação o Espírito não estará mais controlando, dirigindo a vida cristã como fizera, porém atuará na vida de outros, regenerando-os.

Por fim, apresentaremos Apocalipse 20.4, que, como julgam os pós-tribulacionistas, prova o momento certo do Arrebatamento, o qual se dará no fim da Grande Tribulação, já bem perto do Milênio. Mas uma vez podemos constatar a fragilidade de tal argumento, pois essa passagem não fala sobre o Arrebatamento da Igreja, inclusive se analisarmos 1 Tessalonicenses 4.16,17, não há qualquer nexos desse texto com o de Paulo. A referência feita à ressurreição é quanto àqueles que, no tempo da Grande Tribulação, não adoraram a besta nem aderiram à política satânica.

## **5 Considerações Finais**

Houve silêncio de muitas autoridades antigas quanto à visão pré-tribulacionista, pelo fato de haver uma maior ocupação com a questão da salvação. Respeitamos as experiências e escritos de muitos dos pais da Igreja, porém nossa fé é inalterável, pois está fundamentada nas Escrituras. Há uma herança de ensinamentos e concepções teológicas deixadas por muitos homens de

---

<sup>8</sup> WALVOORD, 1976, p. 56.

comunhão com Deus das gerações passadas, porém na questão doutrinária, seguimos a autoridade maior: a Bíblia.

## **Referências**

GEISLER, Norman. *Teologia Sistemática - vol. 4: A Igreja e os Últimos Eventos*. São Paulo: Editora Vida, 2006.

GRUDEM, Wayne. *Systematic Theology: An Introduction to Biblical Doctrine*. Leicester: Inter-Varsity Press, 1994.

MCBRIDE, Richard E. *The Early Church and the Rapture: Historical Perspectives on Pretribulationism*. Grand Rapids: Baker Academic, 2010.

RYRIE, Charles C. *Basic Theology: A Popular Systematic Guide to Understanding Biblical Truth*. Chicago: Moody Press, 1995.

TOZER, A. W. *The Knowledge of the Holy*. New York: HarperOne, 2009.

WALVOORD, John F. *The Rapture: Pre-tribulation or Post-tribulation?* Grand Rapids: Zondervan, 1976.